

LEITURA

Revista do Programa de Pós-Graduação em
Letras

LCV – CHLA – UFAL

NÚMERO TEMÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
A C R I A N Ç A E O T E X T O

LEITURA

Revista do Programa de Pós-Graduação em
Letras
LCV – CHLA – UFAL

Número 20

NÚMERO TEMÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:
A CRIANÇA E O TEXTO

Eduardo Calil de Oliveira
(Org.)

MACEIÓ, DEZEMBRO DE 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor
Rogério Moura Pinheiro

Vice-Reitora
Ana Dayse Dórea

Diretora da EDUFAL
Leda Maria de Almeida

Capa
Tiago Amaral

Projeto Editorial
Antonio Carlos Marques da Silva

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas – Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Leitura: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: número temático de língua portuguesa: a criança e o texto /Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras – CHLA. – n. 20 (jul./dez. 1997) - . – Maceió, Imprensa Universitária, UFAL, 1997 - n.

Semestral

ISSN 0103-6858

Continuação de: Leitura: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

1. Linguística – Periódico. 2. Literatura – Periódico.

CDU: 800(051)

LEITURA

Coordenador de Pós-Graduação em Letras
José Niraldo de Farias

Conselho Editorial
Maria Denilda Moura
Marisa Bernardes
Izabel F. O. Brandão
Cláudia Canuto

Organizador do Número Temático
Eduardo Calil de Oliveira

Endereço para correspondência:

Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Alagoas
Cidade Universitária - Tabuleiro do Martins
57072-970 MACEIÓ – AL
BRASIL

Telefone: (082) 214-1463
Fax: (082) 214-1640

©Copyright dos Autores dos artigos

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema retrieval ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, de xerox ou outros, sem prévia autorização, por escrito, dos Autores. Aos infratores serão aplicadas as sanções previstas nos artigos 122 e 130 da Lei nº 5988, de 14 de dezembro de 1973.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Leitura	Maceió	n.º 20	p. 124	Jul./Dez. 1997
---------	--------	--------	--------	----------------

A P R E S E N T A Ç Ã O

Já era uma idéia antiga reunir reflexões em torno das relações entre a criança e o texto, a partir de olhares teóricos diferenciados. Este número temático da revista *Leitura*, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, vem concretizar esta intenção e, assim espero, contribuir para que os leitores interessados possam ter um pequeno panorama destes olhares e o que eles dizem destas relações.

Através de diferentes recortes, os estudos apresentados discutem estas relações considerando textos ou materiais didáticos presentes em contextos escolares. Esta especificidade dos objetos de investigação acaba também por estabelecer alguns pontos importantes para se pensar o ensino de língua portuguesa.

O trabalho de Mota, ao suspender a concepção fonocêntrica que supõe uma relação de anterioridade da oralidade sobre a escrita, abre uma inovadora discussão sobre a complexidade da relação sujeito/texto no processo de desenvolvimento da linguagem escrita. Tomando como ponto de reflexão os trabalhos de Claudia Lemos, a noção de “representação” em Derrida e as escritas ideogramáticas, a autora analisa os “textos” iniciais de Palloma, uma criança de sete anos de idade. Ela discute suas produções de um ponto de vista lingüístico, isto é, toma o funcionamento da

linguagem como um lugar privilegiado para se olhar a escrita da criança. Assim, mostra como pode se dar o jogo combinatório e a ressignificação dos encadeamentos de letras – alienadas ao funcionamento do discurso do Outro – nas relações que se constituem no processo de escritura.

O estudo que faço sobre a rasura e sua relação com a noção de escuta, a partir dos avanços dos trabalhos de Lemos, reflete sobre as três posições subjetivas que podem estar se entrelaçando no processo de rasuramento. Destacando o que duas crianças de 1ª série dizem enquanto escrevem uma história inventada e as marcas gráficas que deixam ao longo do texto, o trabalho coloca em suspenso a noção de “conhecimento lingüístico” e indica a precária autonomia do sujeito na relação com a língua. Aí está se tecendo o jogo entre as posições de sujeito e a possibilidade de “escuta” que a 3ª posição indicia. A rasura poderia dar uma certa visibilidade para os entrelaçamentos entre o simbólico e o imaginário constitutivo do funcionamento lingüístico-discursivo da linguagem.

Ainda sob os efeitos do olhar aberto por Lemos, o trabalho de Faria sobre as relações sujeito/linguagem recorta como objeto de análise a letra de uma canção popular escrita por Ana, uma aluna de 3ª série do 1º grau. Ao discutir a “passagem” de um texto oral, cantado de cor pelas crianças, e sua passagem para a forma escrita, a autora mostra o desmanchar de uma estrutura e seu funcionamento para ser novamente costurado como texto escrito. Assim como Mota, ela também suspende a naturalidade do binômio oralidade-escrita, tirando o

sujeito de seu lugar de controle e indicando que o funcionamento lingüístico-discursivo está submetido ao jogo do significante. Isto exige que se suponha sempre um funcionamento da língua com sujeito, em que tanto se desfaz a ilusão de controle do que se escreve quanto a suposição de uma articulação entre significante e significado na produção do signo lingüístico.

Partindo de uma metodologia experimental, Desinano enfrenta e aponta os problemas apresentados pelos procedimentos a ela relacionados. Os textos produzidos por crianças, a partir de imagens de objetos que “supostamente” mantêm relações de espacialidade entre si, são analisados levando-se em conta suas possibilidades de textualização ou não-textualização. Os “textos descontínuos” e os “textos contínuos”, definidos e mostrados pela autora, trazem uma característica surpreendente: nos primeiros há uma maior presença de “recursos lingüísticos”, como sinais de pontuação e letras maiúsculas, do que os “textos contínuos” que, por sua vez, apresentam uma maior unidade. Assim, ela mostra que talvez fosse prudente suspeitar da relação diretamente proporcional entre o conhecimento lingüístico e a clareza do texto escrito pela criança em processo de aprendizagem.

O trabalho seguinte também traz as reflexões de uma pesquisadora argentina (Desinano e Bardone) que trabalham na Universidade de Rosário), que faz uma abordagem enunciativa da relação entre os parênteses típicos da linguagem escrita e as incisivas presentes no relato oral feito por crianças pré-escolares, de narrativas ficcionais. Considerando estas incisivas como

“parênteses enunciativos” que marcam a falta de algo no modo de dizer, e suas possíveis articulações com a “heterogeneidade mostrada” de Jacqueline Authier, Bardone procura mostrar a constituição de um dizer no qual o locutor volta-se sobre o que diz e tenta conter o deslizamento dos sentidos do processo discursivo.

Do ponto de vista da Análise de Discurso de linha francesa, Pedro de Souza vem contribuir com esta publicação apresentando uma discussão sobre o efeitos discursivos produzidos pela memória na relação do texto com o sujeito em contexto escolar. Ao analisar atividades que solicitam da criança a escrita sobre emoções e sensações que o aluno teve ao ler um texto, o autor indica como o feixe discursivo produzido aí mobiliza diferentes dispositivos que ressaltam a memória, a escrita de si e seu processo de textualização.

As relações entre oralidade e escrita também são tematizadas por Moura ao fazer uma análise de escritas de crianças das séries iniciais do 1º grau. Entendendo o funcionamento da escrita dentro de um registro fonográfico e semiográfico, a autora identifica e analisa casos de ortografia lexical e ortografia gramatical em que há uma forte influência da fala no modo como se escreve. Com isto, torna-se preciso suspender os julgamentos de valor sobre os erros ortográficos produzidos pelas crianças e “enraizar os hábitos da escrita nos hábitos da fala”.

Finalmente, o último texto discute as fronteiras entre as marcas lingüísticas e pragmáticas presentes em relatos orais e escritos de crianças, tomando como

índice destas marcas os delimitadores iniciais e finais que estes textos possam apresentar. Dentro de um referencial cognitivista, fica sugerido que as habilidades em marcar os limites entre início e final do texto aumentam com a idade da criança e que as situações escolares favorecem este desenvolvimento, na medida em que apresentam um “estereótipo estrutural” deste tipo de texto.

A despeito das divergências teóricas e metodológicas, acredito que o leitor poderá ter um pouco da dimensão e complexidade que envolvem os estudos em torno da criança, do texto e do ensino. Pode-se considerar que este número da revista *Leitura* apenas inicia uma discussão que ganharia muito com a polêmica que o cruzamento destes olhares poderiam provocar.

Eduardo Calil de Oliveira